

IMPRENSA YTUANA

DO INSTITUTO DO NOVO MUNDO

PERIODICO SCIENTIFICO, LITTERARIO, NOTICIOSO E INDUSTRIAL

Collaboradores--Diversos.

EDITOR---FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

Publica-se aos Domingos. A assignatura é de 6\$000 por anno, para cidade. e 7\$000 para fóra.

Anno I

Ytu, 25 de Junho de 1876.

N. 20

IMPRENSA YTUANA

Ytu, 25 de Junho de 1876.

O engenho central.

Sabem os nossos leitores que trata-se de arranjar em Capivary um engenho central.

As suas vantagens, os lucros que podem trazer aos lavradores, e ao lugar, estão de tal maneira provados, que aquelles nossos patrios acceitaram a idéa, e o projecto está em via de realisação.

Hoje vamos chamar a attenção dos nossos fazendeiros sobre este objecto, para que a idéa cale, para que conheçamos se pode fazer-se igualmente em Ytu.

Muitos pensão que é preciso grande capital, grandes difficuldades a vencer, e grandes conhecimentos technicos, para se poder estabelecer um engenho central. Não.

Se ha-os em ponto grande que exigem centenas de contos, tambem os ha em ponto pequeno, que demandand menos trabalho, compensão em muito o capital nelle empregado, e dão muito lucro ao plantador de canna. Um engenho de custo de pouco mais de cem contos de réis, pode dar vazão a mais de cem mil arrobas de assucar, e dobrar o lucro dos fazendeiros em todos os sentidos.

Assim, está estudado que a canna dá 30 por cento mais de assucar: que o fazendeiro pode plantar muito mais do que hoje, e vender por um preço muito maior a sua canna.

FULHETIM

GRAZIELLA

Por

A. de Lamartine

TRADUÇÃO LIVRE DE BULHÃO PATO.

LIVRO PRIMEIRO

XXIII

(Continuação do n.º 19.)

Aquella noite foi talvez a mais feliz de quantas a Providencia destinou á casa do pescador. Nós adormecemos ao som das refregas de vento que sacudiam as oliveiras, das ondas que batiam a costa, e á luz da lua que illuminava o terrasso. Quando acordámos, o céu estava varrido de nuvens, de modo que parecia um crystal polido. O mar carregado escumante.

O vento, cada vez mais impetuoso, bramava sempre. A escuma no cabo Mizene refervia com mais força ainda do que na vespera. Não se discriminava uma vella na bahia de Gaeta nem na de Baia.

As gaiotas roçavam com a ponta da aza alvissima o cimo das vagas, unica ave cujo elemento é a tempestade, que solta gritos de alegria durante os naufragios, como os habitantes de certas costas malditas, que esperam momento em que o navio sossobre, para cairem como abutres sobre as vidas e sobre o peculio dos desventurados viajantes.

Nós sentiamos, posto o não revellassemos, uma alegria intima em que a força do tempo nos obrigasse a ficar por mais alguns dias na casinha do barqueiro.

Com effeito, o vendaval ahi nos reteve oito dias. Nós quizeramos, eu principalmente, que uma circunstanca involuntaria e fatal nos obrigasse a ficar n'aquelle doce captiveiro; todavia as horas corriam-nos bem monotonas. Isto prova que pouco é preciso para a felicidade, quando o coração está moço e disposto a gosar de tudo.

E assim que os alimentos mais simples nutrem e renovam a vida do corpo, quando o appetite os tempera e que os órgãos são novos e saos.

Os processos do engenho central, que tem tres moendas, de mais grossas até a terceira, mais delicada, e apertada e mais aperfeiçoados maquinismos, dão razão de produzir trinta por cento mais de assucar do que actualmentente, pelos nossos grosseiros meios.

O fazendeiro, não tendo de moer, tendo só de plantar e cuidar de suas cannas, pode-as plantar em quantidade maior do que hoje, em que o engenho absorve grande parte do seo tempo e attenção.

Da mesma sorte, se hoje pode alcançar 200\$ a 300\$ por um quartel de canna, poderá então obter 450\$ a 500\$, o que levará muito o lucro, porque então plantará mais, como mostramos, com o não ter de moer.

E' sabido que o engenho central paga a 15\$ por cada cem arrobas de canna, e dando cada quartel mais de trinta carros de cem arrobas, tem elle pagos a vista 450\$ por um quartel de canna.

Em Ytu podia estabelecer-se um, em a margem do Tiéte, para aproveitar-se aquelle nosso caminho que anda. Se fosse elle collocado perto da ponte de Bento Dias chamada, tinha a vantagem de obter perto um grande terreno proprio para canna, e talvez o mais proprio da provincia.

Ali, hoje já se plantão uns trezentos quartéis de canna. Com o engenho, e maior folga, ponhão plantar muito mais, de certo mais de 500 quartéis, que davão para mais de cem mil arrobas de assucar. Por meio da agua, e de carros, aquelle local se tornava muito com modo para os fazendeiros ali levarem suas cannas.

XXVI

Acordar com os pios alegres das andorinhas, escutar a voz infantil de Graziella, cantando baixinho com medo de interromper o sono dos hospedes; descer a praia, mergulhar na agua e nadar n'um pequeno Recife, cuja areia fina brilhava através da agua funda, e onde as ondas do mar picado não penetravão; subir lentamente a encosta enchugando os cabellos aos raios do sol; almoçar na vinha pão e queijo de bufalo que a rapariga nos trazia e comia tambem conosco; beber agua fresca e crystallina, que ella tinha ido buscar á fonte n'uma bilha de barro; ajudar a familia nos labores ruraes; taes eram as nossas distrações, até que a força do dia nos obrigava a procurar a sombra das parreiras ou das arvores.

LIVRO SEGUNDO

I

Graziella então mettia-se em casa, para ficar ao pé da avó e para fazer o jantar. O velho pescador e Beppo, passavam o dia inteiro á beira do mar arranjando a barca e experimentando as redes ao abrigo dos rochedos. Para o jantar traziam-nos sempre algum peixe de escamas reluzentes como o chumbo que se acabou de fundir.

A avó frigia-os em azeite doce. A familia conservava o azeite como é uso n'aquelle paiz, n'um pote de barro, engravado no rochedo proximo da casa, tapado por uma pedra grossa e sellada com um anel de ferro.

Uma salada, alguns mariscos semelhantes aos mexilhões e que alli chamam frutti di mare, fructos do mar, compunham o frugalissimo jantar. Cachos loirejantes de uvas moscateis, pendentes da vide e guarnecidos de parras, apanhados de manhãzinha por Graziella, eram a sobre-mesa. Um talo ou dois de funcho polvilhado de pimenta, servia-nos de café e de licor, como é costume entre os maritimos e camponeses de Napoles. Depois do jantar, o meu amigo e eu iamos procurar um sitio assombreado que ficasse n'um alto de onde se visse o mar, e ahi passávamos as horas lendo, conversando devaneando até o cair da tarde.

II

Das ondas haviam-nos escapado apenas tres volumes truncados, porque estavam fóra da malla quando a deitámos ao mar. Era um pequeno volume italiano de Ugo Foscolo intitulado: Cartas de Jacopo Ortis, espe-

Ha receio geral na provincia, por tanto abuso que tem havido, por tanto especulador que se tem aproveitado do caracter sincero e leal dos paulistas.

Mas, esta era uma idéa que teria vantagens, era uma empreza que daria muitos lucros ao capital que nella se embarcasse. O fazendeiro, sendo o accionista, olhando e gerindo por si, poderia obter os meios de não ser logrado. Ganhava como accionista, e sobre tudo ganhava como fazendeiro, achando prompta sahida ao genero, e mais lucrativa.

As vantagens que tem dado em outros lugares, tanto recommendão os engenhos centraes que vão muitos a dizer que é o assucar preferivel ao café, quando se obtem perto um engenho central.

Achar-se hão os capitaes precizos? Achar-se-ha um homem, que se ponha em frente desta idéa e a execute?

Convem que os nossos lavradores se reunão, estudem a questão, não se deixem levar pela inercia, pois o engenho do Capivary está em via de execução, e se elle poder dar muito mais barato e melhor assucar, a nossa importante lavoura de canna sofre com isso. No cazo contrario, pode ella vir a ter uma renda, dobrada da que tem actualmentente.

COLLABORAÇÃO

A instrucção

Muito se tem já escripto sobre este assumpto

de Verther meio politico, meio romanesco, onde o amor da liberdade do seu paiz, se mistura no coração de um moço italiano com a paixão que tributa a uma jovem veneziana.

O duplo enthusiasmo, alimentado pelo duplo fogo do amante e do cidadão, accende na alma de Ortis uma febre, cujos accessos, demasiado fortes para um homem sensivel e propenso á melancholia, produzem emfim o suicidio. Este livro, copia litteral porém colorida e luminosa do Verther de Goette, andava então entre as mãos de todos os mancebos que alimentavam, como nós na sua alma, o duplo sonho daquelles que são dignos, de sonhar duas coisas grandiosas: o amor e a liberdade.

III

A policia de Bonaparte e Murat proscreveram em vão o autor e o livro. O autor tinha por asylo o coração de todos os patriotas italianos e de todos os liberaes da Europa. O livro tinha por sanctuario o peito de todos os mancebos como nós: de encontro ao coração o guardavamos para nos identificar com as suas maximas.

Dos outros dous volumes que haviam escapado, um era Paulo e Virginia, de Bernardino de Saint-Pierre, esse manual do amor ingenuo; livro que parece uma pagina da infancia do mundo, arrancada á historia do coração humano, e que se conservou immaculada e repassada de lagrimas contagiosas para olhos de dezeseis annos.

O outro era um volume de Tacito, paginas manchadas pela devassidão, pela ignominia e pelo sangue, porém onde a virtude, tomando o buril e apparentando a impassibilidade da historia, aquelles que a comprehendem o horror da tyrannia.

Estes tres livros, por singular acazo correspondiam, aos tres sentimentos que faziam então, por presentimento, vibrar as nossas almas juvenis: o amor, o enthusiasmo pela liberdade da Italia e da França, e emfim a paixão pela acção politica, para o movimento das grandes cousas de que Tacito nos apresentava a imagem e para as quaes temperava desde cedo as nossas almas no sangue do seu pincel e no fogo da sua virtude antiga.

Liamos alto, ora admirando, ora chorando, ora pensando. Interrompiamos a leitura por algumas exclamações, que eram o commentario irreflectido das nossas impressões, commentarios que o vento levava de envolta com os nossos devaneios.

(Continua)

VARIÉDADES

A Parazita escarlate.

I

Quem não conhece uns arbustos que coroam as enegrecidas pedras do Salto?

São umas pobres parasitas, que se alimentam do musgo, e de uma pouca de terra, que o vento depositou no concavo das pedras.

Crescem e vivem azinhas em perfeito estado selvagem, sem que o homem cure de sua existencia.

Pelos mezes de agosto a setembro, o caule se destende e forma-se-lhe na extremidade um pontozinho encarnado, como um botão de coral; poucos dias se passam e elle se transforma em encantadora flôr escarlate. Não tem perfume; mas a sua mimosa forma lilacea, a graciosa curva das petalas e o doce avelutado da côr, formam um conjuncto de belleza indizível.

Não raro o viandante, vendo-a languidamente reflectida na opala das espumas, para e engolpha-se em estatica contemplação.

Todos a conhecem e admiram; mas ninguém sabe a sua lenda, ninguém sabe a historia de sua existencia n'estas ribas.

E' um contosinho melancholico, é uma singela ballada. Contaram-m'o as taperás que se abrigam na fenda das pedras, e attestam alguns poucos troncos carcomidos, resto da antiga oppulencia, que ficaram para transmittir ao futuro as legendas do passado.

II

Já lá se vão muitos e muitos annos. N'esse tempo ainda a mão destruidora do homem não havia retalhado o verde manto, com que a natureza vella a sua virgindade; ainda a arte não havia semeado por essas paragens os monumentos da industria humana e nem o progresso pronunciado o verbo da civilisação pelos labios encandescentes da locomotiva.

Quam diverso era o quadro, que então apresentava o rio ensombreado de frondente vegetação!—Aqui uma arvore gigante derreava-se ao peso das abundantes ramas; alli uma corpulenta figueira prendia as fortes raizes nas fendidas pedras; alem verdes lianas formavam graciosos apanhados; inda alem o esqueleto de um tronco, estendendo aos céos os braços mumificados, apoiava-se em seus renovos, como o ancião que, alquebrado pelos annos, se arrima na infancia. Nas horas da sésta do dia, quando o selvagem fuma embalado na rede de macias pennas, e o sol, dardejando á pino seus vididos raios, circunda a catharata de uma iriada aureola, o jaguar vinha rugindo refrescar-se em suas aguas e a corsa arisca banhava-se na corrente. Os macacos guinchavam nos spatos das palmeiras, os passaros cantavam na folhagem e o mugido surdo e continuado da cachoeira era o baixo profundo n'esse concerto do deserto.

Como é bella e magestosa a natureza em seus quadros de infinita variedade!

III

Era por uma d'essas encantadoras tardes do mez das flôres; os ultimos raios da luz coavam-se mortiços pela abobada de esmeralda; o sabiá poisado nas ingazeiros entoava ternos modilhos e as taperás chilreando abatiam-se em nuvens sobre as cavidades da rocha.—Sahy, a joven indiana, toda melancholia, como a estatua da saudade plantada sobre um pedestal de granito, tinha os olhares presos nos frocos de espuma que derivavam celeres, a semelhança de um bando de garças levadas pela corrente; em baixo um velho selvagem preparava os aprestos da pesca.

Elle tinha nas faces as sombras da tristeza e nos olhos a profundidade dascisma.

Que sentimento estranho havia agitado essa alma pura, talhada á feição da natureza?

Rogariam por seu terno coração as azas enflamadas do amor?

Feliz d'aquelle que colheu o primeiro sorriso de seus labios!

IV

Sahy era planta exotica n'estas paragens: deixara os charos ossos de seus avós nas riden-

to; e sob todos seus pontos de vista tem sido examinadas suas questões, mas em relação á theoria geral, e não descendo ás minuciosidades praticas da instrucção entre nós.

Perguntamos agora nós: têm-o-l'a acaso no Brazil? Podem satisfazer ás exigencias melindrosas d'este ramo vital de progresso administrativo, os pessimos systemas que temos, quer primario quer secundario?

Examinemos e comparemos.

I

A instrucção primaria entre nós não existe. Para instruir-se aos outros é mister não só saber-se como tambem se ter methodo didatico.

Ora, em regra geral, os professores primarios no Brazil, são pouco instruidos; nem se culpe á elle d'essa sua falta de conhecimentos scientificos: dos empregos publicos é este o que merece melhor retribuição; e no emtanto, entre nós, somente o procurão aquelles que por qualquer infelicidade occasional, não encontrão melhor renumeração ao seu trabalho. Isto quanto ao Professor publico primario.

O particular vive nas mesmas condições: é bem conhecida a indifferença com que entre nós se olha para esta base da felicidade individual e social: d'essa indifferença nasce a seguinte consequencia.

Quem tem convicção de seu saber, tem direito á uma subsistencia um tanto decente, por que vive nas primeiras camadas sociaes; alem de um estímulo, ou melhor, amôr proprio que consiste em querer ser apreciado pelo seu valor.

Ora: um Professor primario é por assim dizer, na opinião de uma generalidade pouco vidente, á um empregado qualquer equiparado; logo, os homens conscios da sua capacidade professional, arredão se da ingrata carreira do ensino para dedicarem-se á outra mais lucrativa e mais respeitada.

Como, portanto, poderião os professores que temos, cumprir sua missão conscienciosamente quando lhes fallecem, por falta de incentivo os precisos conhecimentos?

Como ter methodo, quando falta a base d'este: a sciencia?

Não temos, portanto, e não podemos ter professores primarios aptos para incutirem nos espiritos juvenis, os salutaes principios da instrucção.

II

Quanto ao methodo, tambem não temos.

Predomina a rotina antiga em toda a sua plenitude, causando males incalculaveis á sociedade.

Methodos novos que apparecem diariamente, systemas moldados nos dos Estados Unidos, Allemanha, França e outros paizes, não se estudão, não se applicão; e isto porque o professor, ainda que se esforce, não os pode comprehender.

Até nos livros de leitura das escholae, estamos estacionarios, como uns molluscos agarrados aos rochedos.

Parece que ha tal veneração pela rotina, repetimos, que se arreceia dar aos meninos, primarios livros methodicamente organisados, moralisadores, que podem desenvolver-lhes a intelligencia e o coração rapidamente, para só se lhes permitir que apprendão o Thesouro de meninos, e outros que não podem estar de accordo com as modernas ideas sociaes, e com os progressos que ha feito a sciencia.

As horas de estudo são mal distribuidas e tantas que incutem no espirito dos alumnos, invencivel antipathia para com os livros; como si não fóra axioma, ser a distracção para o espirito como o pão para o corpo.

Até essa mesma distracção não é regularisada: consentem aos meninos que se esbordoem, se maltratam, que profirão palavras pouco decentes pelas ruas, accostumando-os assim ao vicio, que póde facilmente degenerar em crime.

Porventura não existirão recreios moraes?

Ha-os sim; mas não são conhecidos.

Agora, e para terminar este artigo sobre instrucção, perguntaremos?

Temos entre nós a instrucção primaria?

Certo que não.

J. LUDOVICE.

tes campinas do Piratininga, onde as marrecas nadam nas lagoas.

Dissensões intestinas, rixas particulares, d'essas que muita vez se ateam entre os selvagens, e tem por horrido epilogo scenas sanguinolentas, forçaram seus pais, da grande nação.

Guaianaz a abandonar as verdes e alegres margens do Tamandutuehy, e vir plantar sua taba por estas cercanias.

Hervadas frechas transpaçaram ao terno peito de Sahy ao deixar aquelles lugares, onde seus olhos primeiro viram a luz; e mais ainda ao separar-se de seu companheiro de infancia, d'aquelle quem seu coração amava, e que só esperava que rebentassem as primeiras flores da puberdade para dar-lhe o doce nome de esposa.

Triste e lacrimoso foi o acto da partida. Sahy julgára que se-lhe exauria a vida ao dizer o adeos talvez eterno; mas Tabira entre suspiros segredára uma palavra, que fiserá brucholear em sua alma um tenue fio de esperanza e ella sorrira, mas com um sorriso frio e sem alma, como sorriem os cactus emurchecidas ás primeiras gottas de orvalho.

(Continúa)

F. N.

Lamartine

Tenho lido quasi tudo de Lamartine. He um grande poeta. Acho-o melhor nas Harmonias Meditações, na pœzia, do que na proza. A presa no trabalho fez mal a estas que sahio imperfeita. Não assim nas primeiras obras, nas poeticas, em que vazou sua alma de anjo. Se Lamartine fisesse poucas e bem cuidadas obras duraria muito mais do que fazendo muitas, mal acabadas, sem a belleza que a alma poderia dar. E' Lamartine o poeta do coração, o interprete dos deozes lares. E' bom, sobretudo para ler-se em dias de tristeza, em dia de finados, quando a dores e a saudade pungem o coração. Quando o leio, embebo-me em santo amor de tudo, em religioso recolhimento—Faz-me elle adorar a Deus, render-lhe intimas graças, lembrar-me e chorar os mortos queridos. Em Jocelyn, cho-ro aquelle pobre formigão que não podia amar, mas não podia arrancar do coração a imagem de Lourença.

E' preciso estar nas circumstancias em que se colloca o autor para se o comprehender. Por isso nos parecem tão vazios alguns escriptores, ou por não termos sentido o que elles descrevem ou por serem omissos. Em Jocelyn precisa ter-se o seo calor para comprehender aquelle amor. Que ternura! Que amor de anjo! So Lamartine pode ter a frase tão cheia de amor, tão unigida de respeito. Sabe elevar nossa alma, e conservá-la em piedozo recolhimento.

Como o amor eleva aquelle espirito, e abate toda idea carnal!

So os anjos podem amar assim. Ao lel-o, elevamos-nos a um mundo superior, e despimos nos destas miserias e pequenezas do vida!

Lamartine, como sabes tão bem ressuscitar o passado, cheio de vida e realidade!

Lomartine, como substão vem ressuscitar o passado, cheio de vida e realidade? Quem te deo o poder de arrebatár aos que te lêem? Foi esse que sabes tão bem cantar, que pareces um dos anjos fugidos das regiões celestes! Por isso é que vólta a elle o rosto quando sentes uma dor ou um prazer! A tua leitura lembra-me os paes, irmãos, a infancia, os primeiros gozos da vida, tudo que alegre, tudo que entristece, a caça, o prado natal. Tudo isso accorda, ressuscita, apparece, como ao chamado do sino da aldea, os recolhimentos, expansões, serões da familia.

Acho, porém, um defeito em Lamartine, que seria grande em um outro, que não escrevesse tão bem, e é repisar e alongar o assumpto, repetindo couzas ditas e sabidas. Outro defeito é achar ternura, e emoções fortes nas mais pequeninas cousas.

Isto degenera por fim em affectação que enjôa ao vel-o descrever as tempestades de um copo de agua—como se fossem verdadeiras tempestades.—

Lamartine serve para se ler nos dias de santo amor, nos dias de melancolias.

Ao lel-o, a nossa alma se eleva, embebe-se em santo amor, em religioso recolhimento, e poem-se a adorar a Deos, a render-lhe intimas graças, por tudo que a sua bondade apronve fazer-nos.

P. S.

SECCÃO LIVRE

Chronica do Jury.

Vou descrever-vos, com a imparcialidade de um historiador, os acontecimentos dados na ultima sessão do Jury.

Dia 19

Não houve sessão,

Alguns dos senhores jurados parece que se deitarão a dormir mui tarde, e não se lembrarão de levantar a tempo para aproximarem-se da salla da Camara ás 10 horas em ponto. Eu os desculpo: é tão bôa a cama n'este tempo d'inverno!

Está a gente ali tão bem, debaixo dos cobertores, á sós com seus sonhos, com suas esperanças, com suas illusões, que é mesmo de se abençoar esse tremulo macrobio de barbas brancas que se chama o Inverno.

Cuidão, porem, que não houve episodio? Ora si houve.

O Ignacio, que se come com bananas, vendo entrar o Juiz envergado n'um sobretudo cinzento, como rigorista official de justiça do antigo regimen, indignado exclama:

« Não é que o Dr. veio de capote para o Jury! »

Julguem do seu espanto, quando entrado no salla, despe o Juiz o sobretudo e apresenta-se de casaca, bonito!!!

Era de espantar, pois não era?

Dia 20.

Formado o conselho, houve logo pega grosso entre o Promotor e o Dr. Chico Quirino, e a razão é porque este queria que entrasse o seu cliente, Chico Martins, o vermelho, e o Promotorsinho não queria se não que fossem o Macuco e o Caipira.

Falla, não falla, discute não discute, o certo é que o Promotorsinho venceu a demanda. Endiabrado homeur!!!

E vae senão quando entrão pela salla á dentro o Macuco e o Caipira.

O advogado destes que era o Dr. Ludovice, ficou doente, e por isso pediu ao Dr. Martimsinho Francisco Junior para o substituir.

Do que se havia de lembrar-se o Promotor disse do Macuco? Aquelle Dr. com seu geitinho de sancto, teimava á todo o panno que que o Macuco era um malvado, um perverso que depois de haver assignado muitos termos de bem viver, completou a obra matando o José Bueno com uma faca! E disse que as testemunhas todas juravão isso.

Ora si vissem como elle fallou?

Fallou que era um nunca mais acabar, e é, brabo como Jararaca, lá isso é.

Mas o dr. Martimsinho, que é um destorcido para fallar, não esteve pela graça: disse que o Promotor estava apaixonado por uma testemunha; que o Macuco não era tão máo como parecia, que era até um bom moço quando não chupava da branca.

Disse que as testemunhas estavam sempre dizendo tudo em contrario, ora branco, ora preto; e que portanto não valia nada, e que até uma d'ellas era tão *vidente* que enchergava de fóra o que se passava dentro da salla que estava ás escuras, e que por isso se parecia com os vagalumes ou com os lynces.

E depois fallou lá n'umas coisadas de direito que eu não entendo, mas que achei bonito, palavrinha de honra.

Volta o Promotor zangado, e cassua com o réu, com o Advogado; falla d'aqui chinga d'alli, tal qual como cobra que perdeu a peçonha.

O dr. Martimsinho que não é dos mais aturadores, disse-lhe tambem das suas, e fallou bonito e estava vermelho como pimentão.

Mas apesar dos pezares, o Promotor não arranhou o que queria que era a grande, sem ser sorte, porque o outro, apesar de estar do lado ruim, sempre chimpou o medio, o que foi muito.

Quando chegou a vez do Caipira, então o Promotor, que algumas vezes é bem bom, não fallou muito mal d'elle, mas fez o homem chorar tanto lhe fallando no Paraguay, que eu tambem..... tive vontade de prantear.

Vae d'ahi o dr. Martimsinho e taes cousas diz que o homem chorou mais ainda; entre outras esta: que as lagrimas de um voluntario da

patria devião pezar na consciencia dos srs. Jurados!.

O tal homem tem ideas tão bellas que deixa a gente com vontade de ir estudar.

Eu não sei, o certo é que o Caipira se poz no andar da rua, mui lanpeiro e satisfeito.

O que houve de lindo ali, mesmo com um anjo, era o nosso Juiz direitinho como uma estaca e serio de espantar.

Dia 21.

Entrou o Chico Martins, vermelho que nem um camarão.

Me disserão que elle tinha querido matar o Macuco; mas elle jurou que a espingarda tinha cahido e disparado. Quem sabe se elle queria ir caçar macucos!

O Promotor parece que acreditou no tal, apesar das testemunhas, e nem accusou o Chico Martins, defendeu-o.

E' máo o tal Promotor! O Pedroso abriu a bocca e disse ao Ignacio: oh! collega, pois não é que o Promotorsinho está defendendo, elle que é forte nas accusações?!

O Ignacio, com aquella calma reflectida, respondeu:

« Eu se fosse o juiz de Direito, na occasião de passar o attestado, descontava o dia de hoje porque o governo lhe paga para accusar e não para defender.

Nem deixou a gente ouvir o dr. Chico Quirino muito tempo por causa d'essa lembrança.

E o dr. Quirino que falla tão bem que nem uma flauta bem afinada!

E o Martins foi para a rua!

Acabou-se o Jury.

Que pena! Eu gosto tanto d'aquillo!

De vêr o Juiz todo empertigado e serio!

O Promotor fallando, porque elle falla bem!

Os advogados retrucando!

Os réos chorando!

Os jurados massados com as perlengas dos oradores!

Aquillo é bem bom não é?

Que pena acabar-se.

Que valé é que d'aqui a trez mezes teremos outro si houver processo, o que eu duvido.

P. S.

Os Snrs. Jurados do futuro, tomem cautella, em não faltarem á sessão.

O nosso Juiz fusilou tantas multas que parecia um chuveiro de granadas.

O Ignacio e o Pedroso sentirão que o producto das cujas não fosse repartido entre elles.

Cautella.

AGRADECIMENTO

O abaixo assignado agradece do fundo d'alma aos srs. drs. Martim Francisco Junior e João Ludovice, a obsequiosidade e a sollicitude com que gratuitamente occorrerão a defender perante o jury desta cidade, a seu infeliz irmão Luiz Manoel da Costa, accusado do crime de homicidio.

A' tão dignos moços, que sabem alliar a intelligencia á caridade, minha eterna gratidão. Ytu 23 de junho de 1876.

FRANCISCO DA COSTA LEITE.

GAZETILHA

Jury.—Conforme estava annunciado no dia 19 abriu-se a sessão do Jury—, presidida pelo dr. Assis Pacheco Junior; não houve sessão por falta de quórum; o Presidente do Tribunal procedeo ao sorteio de 19 supplentes para serem notificados, e levantou a sessão.

No dia 20 as horas da lei abriu-se a sessão com 41 jurados presentes, foi submittido á julgamento o processo em que é A. a Justiça e Réos prezos Luiz Manoel da Costa, José Caipira: tomou a cadeira da defeza o illustrado dr. Martim Junior, que veio substituir o dr. Ludovice por ter chegado doente a esta cidade; e não poder encarregar-se da defeza do R.; o dr. Martim esteve na altura de seo reconhecido talento. Lamentamos o facto de não se poder ouvir o talentoso poeta dr. João Ludovice, que na tribuna, e na imprensa já tem conquistado, á força de vontade o trabalhos, glórias para o seo nome.

Depois dos debates, havendo replica e treplica recolheu-se o Jury de sentença á salla das

conferencias, trazendo as respostas dos quezitos em vista das quaes foi o R. Luiz Manoel da Costa sentenciado nas penas do Art. 193 grão medio, 12 annos de prisão com trabalhos, e o R. José Caipira absolvido.

No dia 21 entrou em julgamento o R. Francisco Antonio Martins accusado do crime de tentativa de homicidio na pessoa de Luiz Macuco. Tomou a cadeira da defeza o dr. Francisco Quirino dos Santos, onde mais uma vez exhibiu os brilhantes dotes, de seo vasto talento, quer como poeta, quer como orador, quer como jurisconsulto. Pouco teve de fazer em vista de não ter a Promotoria Publica insistido na accusação. Não houve replica nem treplica. O Jury de sentença, negou o facto pelo que foi o R. absolvido.

As 3 horas da tarde levantou-se a sessão, encerrando o Presidente do tribunal a segunda sessão do Jury deste annó.

Festa de S. Luiz.—Terá lugar hoje, com toda a solemnidade do estylo, em a Igreja do Bom Jesus a festividade de S. Luiz, havendo sermão; a tarde procissão que percorrerá as ruas do costume, havendo um outro sermão na entrada da mesma procissão.

Procissão.—No dia 22 do corrente mez, foi levada em procissão, do collegio de S. Luiz, para a Igreja do Bom Jesus, a imagem de S. Luiz, padroeiro dos alumnos do mesmo collegio.

A frente da mesma procissão ia a musica composta pelos mesmos alumnos executando bellissimas peças que provão, não só o estado de adiantamento dos mesmos, como tambem o zelo e pericia que os Revms. P. P. M. M. empregão no ensino de tão bella arte.

Começou com essa procissão o triduo antecessor da festa de S. Luiz, que se deve realizar hoje na mesma Igreja do Bom Jezus, com o esplendor do costume.

Hospedes illustres.—Estiverão entre nos os distinctos doutores Quirino dos Santos, J. Ludovice, e Martim Francisco Junior. S S ja regressaram para os lugares de suas residencias.

Maçonaria.—Na forma annunciada, teve hontem lugar a sessão de inauguração do novo templo maçonico. Consta-nos que veirão de S. Paulo e cidades visinhas muitos hospedes illustres a abrilhantar a festa. A sessão teve lugar as 7 horas da noute, no novo templo, que se acha lindamente decorado.

Obituario.—Do dia 17 á 23 de Junho, sepultarão-se os seguidtes cadaveres:

Dia 17

Francisco, 60 annos,, escravo de d. Antonia de Arruda Pacheco; hydropezia.

Dia 20

Evaristo, ingenuo, 30 dias filho de Luiza; solteira, escrava de d. Francisca Emilia Corréa Pacheco; tosse.

Dia 23

Miguel de Campos Prado, 65 annos, cazado ocluzão intestinal.

Antonio, 49 annos, cazado; inflamação de figado.

EDITAL

O Procurador da Camara Municipal desta cidade abaixo assignado, faz publico os arts. 102, 103 e 104 do Codigo de Posturas, para impletração de licenças para casas de negocios.

Art. 102. Todas as licenças para a continuação do negocio, serão impetradas no mez de Julho de cada anno, ao Presidente da Camara, que só mandará passar o competente alvará, depois de pagos os direitos: multa de 10\$000, com a obrigação de tirar a licença; e acrescentando mais 4\$000 em cada mez que exceder o prazo marcado, até a alçada da Camara.

Art. 103. Toda a pessoa que abrir casa de negocio deverá, dentro de 24 horas, fazer constar ao Procurador da Camara o seo nome, rua, numero da casa, devendo tambem impetrar a competente licença, contendo a declaração por escripto dos generos que pretende vender: multa de 10\$000, e acrescentando 4\$000 em cada mez, até a alçada da Camara.

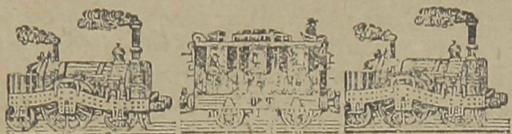
Art. 104. Se na declaração para continuação ou abertura de casa do negocio, se fizer omissão de qualquer genero sujeito ao imposto

o infractor pagará o dobro do imposto que deixou de pagar. 3-3

Itu 6 de Junho de 1876.

Antonio do Amaral Duarte.

ANNUNCIOS



RAMAL

Construção de armazem.

Faço publico, que a Directoria deliberou abrir concurso para Construção do Armazem de cargas, na Estação da cidade da constituição, recebendo propostas em cartas feixadas até o dia 13 do seguinte mez de Julho, ao meio dia, no Escritorio da Companhia, das pessoas que quizerem tomar por empreitada aquella construção, e em cuja presença serão abertas as propostas, no dia, hora, e logar mencionado. A construção será de tijolos.

A planta e mais esclarecimentos podem ser consultadas e vistas no Escritorio em todos os dias uteis, das 10 horas da manhã até 2 da tarde. 1-3

Itu 23 de Junho de 1876.

O Secretario,
Carlos Ilidro da Silva.



200000

Ingio ha oito dias mais ou menos, da fazenda do Bom Retiro—pertencente á Francisco Paula Leite de Camargo; um escravo e pagem seu, de nome Manoel com os seguintes signaes:

Idade: 20 annos; cor fula ou içã; cabellos grenhos porem molles; pés grandes; bôa dentadura; sem barda, regular de corpo; pequenos signaes de castigo já velho nas nadegas; de naturalidade: Bahiano. Levou paletot e calça de brim d'Angola; uma calça de casimira. e fraque e collete de elasticotine.

D-se 200\$000 réis á quem o apprehender e entregar na fazenda, á seu Senhor ou em Itu á Mattos & Galvão. 1-4.

Agrimensor

Jozino Elias Galvão de Barros, **Agrimensor** (medidor de terras), offerece seus trabalhos aos Senhores Fazendeiros que quizerem avientar seus rumos, levantar plantas de seus terrenos, e todos mais serviços de sua profissão.

Os chamados serão attendidos com promptidão, e os serviços feitos com esmero, afim de contentar aos proprietarios confinantes. 1-3

YTU' RUA DO PATROCINIO

PADARIA

YTUANA

Vende-se pão de todas as qualidades, rosca do Barão, a 40 res. Siquilhos finos para chá, a 640 reis. biscoitos finos de trigo, a cinco por 40 reis manteiga Inglesa á 3\$200 reis o killo. chá da India superior 4\$500 a libra, chocolate de cakáu, a 1\$300 a libra. Queijos do Rheino muito frescos á 3\$500 reis cada um, Goiabada de Campos, a 640 reis, a lata, crakanel a lata 1\$800 reis 1/4 os de sardinha a 480 cada uma, vellas de composição de cinco, em seis em libra a 600 reis, conserva Inglesa a 1\$100 reis e vinho, molho Inglez a 1\$200, o vidro nozes, amendoas com casca e cobreta etc. etc

Carlos A. de V. Tavares

HOTEL

DO

BRAZ (2-4)

45 Rua da Palma 45

Mudou-se para a rua da Palma, sobrado n. 45, onde seu proprietario espéra do respeitavel publico e seus freguezes, o devido acolhimento e protecção, certos de que serão bem tractados e acomodados, visto como a casa é grandemente espacosa, offerecendo bons commodos, independentes todos, e muito proprios para familias que se dignarem lá hospedar-se. Estará sempre aberta e á disposição dos freguezes que encontrarão asseio e prontidão nos misteres á cargo do B.C. Leão

JACOB SCHWENCK

COM LOJA

A' rua Direita

(Junto a Collectoria)

Pretendendo acabar com a loja nesta praça levo ao conhecimento do publico annunciando as fazendas por preços muito commodos.

Panno preto superior 7\$000 8\$000 e 10\$000 o metro; cachemira setim superior 6\$000 o metro; nobrezas 3\$500 e 4\$500 o metro; gorgorão superior 7\$000 o metro; panno atalhado superior 6 palmos largo 1\$900 o metro; cretone francez superior 10 palmos de largo 1\$400 o metro; cassa bordada superior 1\$; o metro, dita mol-mol superior larga 1\$800 o metro; merinó azul enfestado 2\$500 o metro; véos de filo de seda bordados, inteiro 9\$000 e meio 4\$500; dito branco 800 o metro; morim bordado para saias 1200 o metro; lanzinha superior 1\$200 e 1\$400 o metro; colchas de cores 3\$500 ditas brancas 4\$500 ditas grandes superiores 10\$000.

Chapeos modernos para sras. 7\$000 8\$000 e 13\$000 ditos de pastoras a 5\$000, ditos para meninas a 2\$3\$4\$, ditos de pello de ceda para homens, patentes modernos 9\$, e assim tambem de diversas qualidades de calçado, ferragem, armario, e perfumarias, tudo por preços muito razoaveis.

Tambem está a venda a casa de sobrado na qual está a loja, e quem quiser comprar entenda-se com o proprietario. (2-4)

Jacob Schwenc.

CAPIVARY

Na sahida para Piracicaba vende-se uza chaera em bom estado com um grande quintal bem plantado e um pequeno pasto para poucas animaes por 1:200U. Para informações com sr. Pedro Ferraz de Arruda naquella cidade.

Vende-se tambem o serviço de uma escrava por 600:000 3-4

ENFERMEIRO

Precisa-se de um enfermeiro no Hospital da S. Casa da Misericordia, quem estiver nas condições derija-se ao Secretario da mesma abaixo

assignado.

Itu 16 de Junho de 1876.

Agostinho de Souza Neves.

(2-4)

João Ludovice
ADVOGADO

LIMEIRA.

Encarrega-se de causas civis, commerciaes e criminaes. Tambem se incumbem de cobranças n' aquella cidade e circumvisinhas.

CAMPINAS

Na chacara de Francisco Bueno de Miranda, LARGO DO RIACHUELO, vende-se mudas de uvas á 100 rs. cada uma das seguintes qualidades.

- | | |
|---------------------------|-------------------|
| 1 York-Madeira. | 10 Lenoir. |
| 2 Adirondac. | 11 Missauri |
| 3 Northern Muscadine. | 12 Delaware. |
| 4 Israella. | 13 Allen's Hybrid |
| 5 Hyde's Elisa ou mulata. | 14 Jona. |
| 6 Rabecca. | 15 Munt Jog. |
| 7 Catawba. | 16 Clynton |
| 8 Diana. | 17 Agawaro. |
| 9 Ama (Mury). | |

Largo do Riachuelo.

Francisco Bueno de Miranda

1-

Fazendas pelo custo do rio de JANEIRO

Carlos Pereira Mendes, tendo de vender a sua loja á seo sobrinho Francisco P Mendes Neto; antes de realizar a quella venda, que se effectuará no fim do corrente mez, vende suas fazendas, á dinheiro, pelo custo do Rio de Janeiro.

Aproveitem a pechincha !!!

Declaro que partindo para S. Paulo onde vou morar, deixo encarregados de todos os meus negocios meo Pae, o Sr. José Manoel de Mesquita e meo Tio o Sr. Tenente Mesquita. (2-3)
Dr. Ignacio de Mesquita

YTU, TY DA - IMPERNSA - 13-76.